

Perspectivas latino-americanas em “Las guerras del siglo XXI”

GUILLERMO ALFREDO JOHNSON
MARCOS ANTONIO DA SILVA

Resenha: CECEÑA, Ana Esther (coord.). **Las Guerras del siglo XXI.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Ciudad de México: Instituto de Investigaciones Económicas; Ciudad de México: Observatorio Latinoamericano de Geopolítica; Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2023.

As transformações geopolíticas deste novo século influenciam a ordem internacional contemporânea, marcada por instabilidades e incertezas, e repercutem nas mais diversas formas do exercício do poder em todo o planeta, produzindo novas e velhas formas de conflitos e guerras que afetam, de uma ou outra forma, todas as dimensões da existência humana. Isto porque, após o fim da Guerra Fria, no final do século passado, as disputas pela hegemonia em nível mundial ganharam maior intensidade e difusão, ao ponto em que as guerras convencionais parecem tornar-se superadas ante o formato, cada vez mais evidente, de diversas formas de guerras irregulares que caracterizam o atual cenário internacional.

GUILLERMO ALFREDO JOHNSON

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPPP) e do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Email: guijohnson@uol.com.br

MARCOS ANTONIO DA SILVA

Doutor em Estudos sobre a Integração da América Latina (PROLAM/USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) e do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Foi membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre a América Latina (LIAL). Email: marcossilva@ufgd.edu.br

Neste sentido, a denominação *guerra de amplio espectro* ou de *espectro completo* que Ana Esther Ceceña menciona nesta obra refere-se ao enorme leque de opções que o poder hegemônico recorre – fazendo uso não somente de meios militares tradicionais – pois

Como rasgo notable de estos tiempos, las guerras no solo transcurren en todas las dimensiones de organización de la vida y, por tanto, utilizan armas no bélicas en combinación con las que comúnmente se identifican como armas de guerra, sino que también adoptan modalidades muy distintas para adecuarse a los terrenos geográficos, históricos y sociales del objetivo a alcanzar. Difiere el fin perseguido: doblegar, aniquilar, generar situaciones de confusión y caos, instalar el pánico, o lo que en cada caso resulte más redituable en términos de los propósitos de la guerra (Ceceña, 2023, p.7).

Desta forma, é importante assinalar que esta obra decorre das pesquisas realizadas no âmbito do Observatório Latinoamericano de Geopolítica do Instituto de Investigaciones Económicas da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), coordenado pela organizadora do livro, assim como os autores dos capítulos possuem diversos graus de vínculos institucionais com tal observatório. Vale ressaltar que a professora Ana Esther Ceceña há mais de duas décadas contribui com os debates críticos sobre geopolítica, sistema-mundo, emancipações, militarização e dominação de espectro completo, enquanto que os demais autores também pesquisam e publicam em torno desta temática, permitindo compor uma consistente elaboração teórica para compreender o exercício do poder na atualidade em perspectiva abrangente, assim como aprofundar as particularidades de situações nacionais em que o conflito pela dominação geralmente aflora com violência.

Neste sentido, as guerras deste século continuam o saque de recursos naturais, assim como o disciplinamento social, enfatizando como diferencial uma negação de limites geográficos, sociais ou humanitários pois comprometem crescentemente as condições de reprodução da vida social e afetam todas as dimensões das sociedades envolvidas.

A obra, além de uma instigante introdução, está organizada da seguinte forma. O primeiro trabalho, que possui o mesmo título do livro, a organizadora aborda de maneira conceitual e contextualizada as visões de mundo que orientam essa política destrutiva do *hegemon*. Desta forma, destaca as principais características das

guerras atuais e as estratégias vigentes, principalmente o deslocamento das guerras convencionais (levadas adiante entre nações) para as guerras difusas ou irregulares, nas quais terceirizam-se os exércitos, privilegiam-se meios remotos de combate, aprofundam-se o uso de novas tecnologias e procura-se cada vez mais intensamente controlar o senso comum, pois “La guerra se trasladaba hacia lo cotidiano, lo precario, lo minúsculo, lo interno, lo privado y, por tanto, estaba obligada a cambiar de estilo y de instrumentos” (Ceceña, 2023, p. 22).

Sendo assim, a contratação de empresas que comandam mercenários, como a proliferação de grupos de Operações Especiais, têm modificado os operativos, permitindo com que os Estados possam se isentares de responsabilidades ao mesmo tempo em que aproveitam seus ganhos territoriais. Em suma, o trabalho aponta que nesta nova modalidade de empreender a guerra torna-se indispensável a articulação de todas as forças de forma cooperativa, pois estaríamos ante desafios *transregionais, multidomínios e multifuncionais*, nos quais há crescente indiferencição entre guerra e não-guerra, um conflito latente e infundível. As novas ferramentas tecnológicas disponíveis, a Inteligência Artificial entre elas, transitam em todas as dimensões da guerra e da disputa hegemônica e apresenta os limites históricos que o atual ordenamento do poder vivencia.

A crescente presença corporativa na guerra contemporânea, apresentado por Ceceña, e a sua relevância econômica é aprofundada no primeiro capítulo elaborado por Raúl Ornelas intitulado “La corporación militar y su papel en la disputa por el liderazgo económico mundial”. Este trabalho discute como os Estados Unidos tem conjugado duas formas de guerra neste novo século: a preventiva e a distância e indica que a partir do fim do século passado as corporações militares privadas ganham relevância, inclusive permitindo a superação de pontos de estrangulamento nas intervenções militares. Neste sentido apresenta dados importantes e atualizados sobre gastos em armamento por países e empresas, destacando a sua alta concentração e a liderança das empresas estadunidenses e seu complexo industrial-militar.

Uma importante contribuição observa-se na sua análise sobre as redes de poder, que destaca a triangulação entre as forças armadas, as corporações militares privadas e os representantes políticos, denotando que a sua “que dicha eficiencia no está ligada a la satisfacción de las necesidades sociales, sino a la consecución de los intereses de las instituciones y el personal de los tres ámbitos que participan en las redes de ejercicio del poder” (Ceceña, 2023, p. 69). Desta forma, discute o processo de financeirização em curso relacionado com as corporações militares privadas que permite vislumbrar como as administradoras de ativos financeiros possuem um estreito vínculo com a produção armamentista, constatando, uma vez mais, que a matriz destas administradoras se encontra em território estadunidense, reforçando o papel do *hegemón* no controle e promoção das guerras. Assim, as constantes guerras tornam-se meios de expansão e escoramento geopolítico global, ao mesmo tempo em que estimulam o desenvolvimento científico e tecnológico relacionado com suas políticas de defesa.

O primeiro trabalho da segunda parte da obra, intitulada “Las guerras estratégicas” refere-se às guerras estratégicas na contemporaneidade, principalmente no Oriente Médio e no norte da África, onde temos conflitos que envolvem, cada vez mais, a atuação de China e Rússia. O conflito israelense-palestino tem ganhado destaque após outubro de 2023, sendo que as elaborações de Ana Kátia Rodríguez Pérez no segundo capítulo, denominado “El conflicto palestino-israelí: vigilancia y control en un entorno de guerra urbana”, são anteriores ao arrefecimento da ofensiva do Estado de Israel. Os aspectos históricos que contextualizam a contemporaneidade denotam a dominação colonial e a ocupação militar que se evidenciam na formação do Estado de Israel. Neste sentido, para a autora “Ante la generación de una situación de guerra permanente, Israel ha logrado proyectar y comercializar alrededor del mundo una visión de seguridad altamente militarizada basada en el uso de dispositivos tecnológicos” (Ceceña, 2023, p. 90). A invasão territorial israelense baseia-se no controle dos recursos hídricos e gasíferos, indispensáveis para a expansão e consolidação estatal, privando ilegalmente os palestinos destes bens por diversos mecanismos.

Sendo assim, o Estado de Israel tem legitimado juridicamente e construído um avançado sistema clandestino de vigilância da população, criando muros, postos de observação, confiscando terras e armando os assentamentos, praticamente controlando o tempo e o espaço dos palestinos. Assim, Israel recorre a uma guerra permanente e ilimitada, militarizando as fronteiras, promovendo assassinatos seletivos, invasões regulares e uma intensa vigilância aérea. A indústria armamentista e de segurança israelense tem-se expandido pelo Ocidente exportando essa metodologia de tratamento desumano com os palestinos, como se fosse referência na concepção do “combate ao terrorismo”, sendo apoiado, há décadas, pelos países hegemônicos, tornando o conflito palestino em experimento e vitrine para seus artefatos tecnológicos e militares.

No capítulo seguinte, Adriana Franco Silva analisa a guerra a distância que caracteriza o caso de Líbia, num trabalho intitulado “La guerra a distancia: el caso de Libia”, discutindo a dinâmica da derrocada do governo e assassinato de Muammar Gadaffi e a consequente mudança de regime depois de uma guerra de amplo espectro levada adiante pelas forças ocidentais hegemônicas que produziu uma deflagração social intensa que resultará na desagregação do tecido social e em conflitos até a contemporaneidade de insolúveis.

Com uma intervenção a partir de uma decisão da ONU, as forças da OTAN realizaram uma guerra por procuração que, para o caso líbio, consistiu numa organização das ações a partir do exterior, conseguindo incorporar uma série de grupos na dinâmica do conflito desde sua emergência. Neste sentido, desenvolveu um *modus operandi* para construção do cenário, que tem-se tornado regra, com a disseminação de informação falsa pelas redes sociais e meios de comunicação em ampla escala para gerar apoio e reconhecimento internacional da intervenção, junto com “la saturación del territorio con armas y el uso de tecnologías para bombardear y dirigir los ataques, y la humillación del líder libio como castigo ejemplar y el rompimiento del tejido social” (Ceceña, 2023, p. 136).

Os objetivos e estratégias da intervenção dos Estados Unidos relacionam-se, como de costume, com a necessidade de controlar

a produção petrolífera e as riquezas hídricas com as que conta o território líbio e, ao mesmo tempo, aprofundar o fortalecimento geopolítico dos interesses da força hegemônica, já que o líder líbio – Gadaffi – simbolizava um projeto autônomo e ameaçava desafiar a expansão dos interesses estadunidenses no norte da África, ao mesmo tempo em que o câmbio de regime era indispensável para a retomada da extração de recursos naturais do país. A polarização social instaurou-se no país, minando a estabilidade construída em diversas alianças nos tempos do Gadaffi, o que facilita a espoliação das riquezas territoriais e visa impor uma hegemonia que naturalize as violências contra o povo líbio.

Uma análise crítica da guerra na Síria encontra-se no capítulo seguinte, intitulado “La guerra en Siria: disputa hegemónica y luchas por la territorialidade”, que trata estrategicamente da disputa hegemônica e de lutas pela territorialidade em tal nação elaborado por Christian Jean Faci. O trabalho apresenta uma descrição pormenorizada da dinâmica complexa da militarização do conflito que se instala neste país do sudeste asiático a partir da primeira década deste século e adverte que o conflito deve ser compreendido para além do local ou regional, pois estamos ante a disputa “entre el sujeto hegemónico, fuerzas alternativas con pretensiones hegemónicas y actores subversivos por el control de la producción y el ordenamiento territorial en Siria, lo cual refleja las contradicciones del Estado nacional poscolonial como forma dominante de administración territorial y se entiende como resultado de un proceso de producción estratégica del espacio y dominación por el sujeto hegemónico” (Ceceña, 2023, p. 161-162).

Neste sentido, é indispensável considerar que o denominado Oriente Médio possui uma longa história de ocupações coloniais e imperialistas que conduziram a uma fragmentação territorial construídas nos moldes dos Estados-nações, ao sabor das grandes potências geopolíticas, que se fortaleceram após a Segunda Guerra Mundial. A independência da colonização francesa, em 1946, colocará os sírios em plena Guerra Fria, construindo anos mais tarde um governo estável a partir da consolidação do Partido Baaz, comandado pelo pai e posteriormente pelo seu filho, Bashar al-Assad. No âmbito da cuidadosa narração detalhada do início

e da dinâmica da guerra é importante destacar que o petróleo e o neoextrativismo são importantes, mas a principal razão estaria no posicionamento geoestratégico que o território sírio representa para as disputas hegemônicas no Médio Oriente. Assim, o texto fornece substanciais elementos para se aproximar a complexidade da disputa territorial síria e verificar as particularidades da intervenção militar estadunidense, irani, russa e turca, na busca por uma sistematização que permita compreender os embates pela hegemonia em termos regionais e globais.

Na terceira parte, denominada de “Guerras en el vecindario”, a obra trata das “guerras na vizinhança” buscando compreender os casos mais emblemáticos na América Latina na atualidade.

Para tanto, destaca-se o trabalho de David Barrios Rodríguez, intitulado “Crear dos, tres... muchas Colombia”, sobre a guerra irregular que se instaura neste país, que se refere às atividades militares dirigidas a ameaças não estatais. Assim como no caso do Estado de Israel, os governos de Colômbia, pelo menos até o governo de Gustavo Petro, e, particularmente, as suas forças armadas tem construído uma estreita relação com as diretrizes estadunidenses das guerras de amplo espectro, ao ponto de participar nas adaptações, assim como de exportar e tornar-se exemplo nesta modalidade na região.

Tal situação converte a Colômbia numa deslocalização das políticas do Pentágono, principalmente ao verificar o maciço financiamento estadunidense, lembrando também que se tornou o único país na América Latina e o Caribe considerado sócio global da OTAN, e que seu prolongado conflito armado é composto por diversas temporalidades, modalidades e atores envolvidos, sendo que

No obstante que en el proceso colombiano es preciso distinguir entre las expresiones de violencia armada organizada (insurgencia, narcotráfico, paramilitarismo), el tratamiento del Estado ha encontrado en estas la manera de justificar el empleo de la guerra irregular (Ceceña, 2023, p. 220).

Além disso, destaca as principais características do Plano Colômbia, a partir de 2002, com as diversas estratégias e dinâmicas

que foram conduzidas pelas políticas estadunidenses, assim como a proliferação durante este século de atores militares privados contra insurgentes, conferindo características distintivas na região latino-americana. Finaliza constatando marcantes contradições, pois se a intervenção consentida dos EUA visava combater o narcotráfico o que ocorreu foi que, em 2017, registraram-se recordes de cultivos de folha de coca e de produção de cocaína, além dos impactos sobre a maior parte da população relacionados aos deslocamentos internos forçados e pelo crescente assassinato de lideranças sociais.

Outro cenário estratégico importante da guerra de amplo espectro na América Latina é a Venezuela, a partir da virada de século com a ascensão de Hugo Chávez, que emerge no trabalho de Yetiani Romero Rebollo denominado “*El rompecabezas de la guerra contra Venezuela*”.

A autora, afirma que o processo de guerra irregular ficará manifesto após a reeleição do Chávez, seu falecimento e ascensão de Nicolás Maduro e as motivações

consisten en disciplinar a Venezuela y recuperarla como parte del sistema de dominación hegemónico, cancelar así el desafío sistémico-ideológico que representa la Revolución Bolivariana y disponer de sus riquezas naturales y su posición en el escenario geopolítico mundial (Ceceña, 2023, p. 248).

Para tanto, foram empreendidas diversas estratégias que podem ser compreendidas como etapas ou momentos da sua implantação com o objetivo corriqueiro de mudança de regime: uma guerra midiática, com notícias falsas e/ou manipuladas circulando tanto em redes sociais quanto em veículos tradicionais, assim como a criação de uma linguagem específica para se referir ao governo venezuelano por diversos meios, nacional e internacionalmente; desestabilização social, promovendo a confusão no senso comum e a banalização do uso da violência (como nos confrontos de rua, as *guarimbas*), e estimulando o descontentamento social no econômico e político; desestabilização institucional, buscando insistenteamente a deslegitimação das instâncias representativas e as instituições que permitem o funcionamento da sociedade (um

evento relevante desta modalidade foi o reconhecimento internacional de um *presidente interino*, sem lastro institucional nem popular); intervenção direta, que seria o ponto culminante, que poderia se dar a partir de um Golpe de Estado, promovido por deserções nas Forças Armadas, com incursões paramilitares de diversa monta, o uso de mercenários e a arregimentação de governos afins aos EUA para intimidar o governo e Estado venezuelano (como as ações do Grupo de Lima durante o governo Trump).

A execução destes mecanismos da guerra de amplo especto, ainda que sejam organizados, não acontecem de forma linear, mas simultaneamente, com uma diversidade de atores e farto financiamento externo, tornando-se o conflito venezuelano prolongado e abrangente.

A última seção, intitulada “Las guerras invisibles” é composta pelo trabalho de Alberto Hidalgo Luna denominado “Guerras no militares: sanciones, embargos y guerra financeira” aborda um aspecto essencial desta guerra invisível que compõem os artifícios não militares.

Neste sentido, realiza um amplo apanhado dos mecanismos econômicos, principalmente financeiros, que o hegemôn tem se servido para acossar nações e governos dissidentes e descontentes. Desta forma, o trabalho explicita as principais ferramentas não militares na disputa hegemônica, destacando o papel das sanções comerciais e os bloqueios econômicos e registra a diversidade de formas e atores que assumem a partir do setor público e privado estadunidense a guerra não convencional, com a utilização de meios assimétricos e coercitivos de obter a realização unilateral dos interesses hegemônicos.

Assim, a manutenção de uma importante quantidade de instituições, nacionais e internacionais, econômicas e financeiras controladas pelos EUA e o uso de sua moeda confere uma capacidade diferencial na coordenação das ações militares e não militares. Estas diversas formas de bloqueio e sanções provocam o que é denominado como *castigo coletivo à população civil*, conduzindo a desestabilizações sociais e institucionais que buscam impulsionar mudanças de regime. Além disso, aponta que as guerras geoeconômicas se ampliaram ao ponto de serem intensamente usadas

ante países como Rússia, Irã e China, o que indica a iminência de importantes e crescentes tensões no cenário internacional.

A partir disto, vale ressaltar que os autores do livro apontam a necessidade de continuar a estudar os processos de guerra que se apresentam na contemporaneidade, pois o conflito entre Ucrânia e Rússia demanda sua incorporação no contexto apresentado por esta obra, assim como os desdobramentos recentes da ofensiva genocida do Estado israelense na Palestina. Neste sentido, as diversas lutas por território e riquezas são um desafio constante nos países africanos, particularmente na sua região central, que ativa processos de contestação das relações neocoloniais a que têm sido submetidos os seus povos.

Em suma, são diversos e crescentes os casos em que se observam traços desta guerra irrestrita, irregular, de amplo espectro por todos os continentes, pois o embate hegemônico recrudesce e tende a colocar a humanidade ante complexas disjuntivas. Sendo assim, esta obra emerge como uma importante contribuição para compreender as novas modalidades, as dinâmicas e as estratégias da disputa hegemônica, sustentada com abrangente pesquisa científica, uso consistente do pensamento crítico e uma diversidade de casos nacionais que nos oferecem uma visão consistente e atualizada dos conflitos internacionais contemporâneos.